

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS

DOCTRINÁRIOS

ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Extraídos da obra

Paul Gibier/Ernesto Bozzano - Materializações de Espíritos

Observações acerca das materializações dos espíritos por Paul Gibier

Uma vez estabelecida a realidade das materializações de espíritos, o problema concernente a esses fenômenos está longe de achar-se resolvido no momento. Com efeito, na presença de tão inauditos fatos, o experimentador que, da negação a priori, passou à dúvida e desta à certeza, pergunta a si mesmo o que são essas formas humanas que nos dão a impressão de vida e logo se dissolvem diante de nossos olhos, em nossos braços, que, em alguns segundos, criam carnes e vestes que fazem desaparecer com a mesma rapidez. Então suscitam várias questões que vamos examinar separadamente e da melhor forma possível.

1º – Essas formas que aparecem a nossos olhos terão uma existência objetiva ou subjetiva?

A duração das aparições é, em geral, tão curta (posto que, em alguns casos excepcionais, se demorem com os assistentes e se entrettenham com eles durante cinco, dez, vinte minutos e mais), que estamos no direito de perguntar se não somos vítimas de uma espécie de sugestão

mental, de natureza hipnótica ou qualquer outra, análoga à influência exercida no público pelos pelotiqueiros do Oriente, influência, no nosso caso, vinda do médium e do nosso próprio subliminal (auto-heterosugestão).

Mas, por um lado, sabe-se que os personagens e as coisas postas em cena pelos pelotiqueiros desaparecem do campo visual logo que os espectadores se aproximam ou se afastam mais ou menos, e a chapa fotográfica não os registra. As materializações, pelo contrário, podem ser não somente vistas e ouvidas mas também tocadas, fotografadas e mesmo moldadas (esperamos ainda poder apresentar um dia fotografias e moldagens sem todavia lhes pretendermos a prioridade, pois que essas provas têm sido obtidas grande número de vezes). Portanto, as materializações têm uma existência objetiva.

2º – De que substância ou substâncias são as materializações formadas?

Segundo os ensinamentos obtidos de diversas fontes, pode-se dizer que essa substância vem do médium.ⁱ Conhecem-se casos em que o peso dele diminuía em proporções consideráveis durante a experiência; outros casos em que o médium desaparecia em parte, senão totalmente, enquanto as materializações se produziam. É um fato que nos propomos verificar no laboratório que preparamos especialmente para essas investigações.

Quanto ao tecido das roupas, discute-se por ora a sua proveniência. Algumas inteligências têm dito que o produzem desmaterializando uma parte das vestes do médium; outras falam de transportes de coisas. Tudo é possível.

Tem-se permitido por vezes cortar um pedaço de pano que, em seguida, podemos examinar à vontade, até no microscópio, do mesmo modo que os cabelos, as unhas ou o sangue, que se tem podido, segundo se diz, extrair da carne das formas materializadas. Vê-se que imenso e novo campo se apresenta às investigações dos estudiosos da Ciência. Em observações que ainda não foram publicadas, pelo que me conste, e em que, bem entendido, foram tomadas as necessárias precauções para

eliminar a fraude, fizeram-se sinais, a azul de anilina, na mão do espírito e esses sinais foram transportados para uma outra parte do corpo do médium. Também se tem notado que o odor particular ao médium era encontrado na aparição.

3º – Qual é o processo pelo qual a substância das materializações é transportada, aglomerada e dissolvida?

Não buscaremos responder a esta pergunta, sobre a qual nenhum esclarecimento recebemos.

4º – As materializações ou essas personagens, que nos falam com a sua própria voz, são o que dizem ser?

Vimos anteriormente (nota “d”) que “Ellan” não pôde ou não quis dar-me explicações sobre a desmaterialização quando lhas pedi. Pois menos reservado foi quando lhe perguntei se não era uma segunda personalidade ou uma personificação emergindo do subconsciente da médium, de onde promanariam também todas as materializações. Declarou enfaticamente que ele mesmo, assim como os outros “espíritos” que se manifestam pelo médium, seu instrumento, são entidades, personalidades distintas, espíritos desencarnados, cuja missão é demonstrar-nos a existência da outra vida. Acrescentou que é em virtude das “forças materiais” emanadas do médium que conseguem manifestar-se no nosso plano.

Sem aceitar cegamente asserções da natureza das precedentes, não será permitido determo-nos um momento para refletir a tal respeito e mesmo esperar que o fenômeno da materialização nos forneça, em um futuro próximo, a solução desse problema inquietante, que hoje defronta a Psicologia: subliminal ou espíritos, ou ambas as coisas, ou nem uma nem outra?

5º – Se não são o que dizem, que podem ser então?

Como eles sempre dizem que são inteligências, almas que animaram corpos humanos “no nosso plano”, como habitualmente fazem, não faltarão hipóteses para explicar o que eles não dizem ser.

Seria talvez prematuro abordar essa questão no momento, como ela o requer, mas contentemo-nos em encarar a única hipótese que é atualmente permitida em Psicologia: seriam essas materializações manifestações subjetivas do inconsciente do médium?

Nas escolas de Psicologia, as menos suspeitas de “psiquismo”, admite-se hoje que o inconsciente pode falar sânscrito ou mesmo marciano ou personificar perfeitamente pessoas falecidas de que nunca se ouviu falar, mas cujos caracteres percebe (sem dúvida, talvez) na subconsciência de um vivo presente ou distante (telepatia).

Em suma, segundo alguns psicólogos, não se pode saber de quanto é capaz o subliminal (como o denominou Myers). Não nos detenhamos por tão pouco e já agora digamos que bem poderia o subliminal conseguir exteriorizar, ao mesmo tempo que uma segunda ou qualquer personalidade do médium, uma quantidade de substância bastante para produzir, momentaneamente, um homúnculo ou um espírito com mais ou menos aparência de vida.ⁱⁱ

Seria uma variedade poderosa de telecinesia. Daria assim a ilusão dessa personalidade, que lhe aprouve imitar e cuja imagem física ou moral pode ter colhido no subliminal dos assistentes, como em outros casos imita a voz, as maneiras, a escrita dessa personagem, sem sair do médium.

Nos casos como o de “Maudy”, poder-se-ia admitir que se trata de uma reminiscência e que “Maudy” não é senão uma representação da médium na idade de 8 anos, mas tudo isso é bem complicado.ⁱⁱⁱ

Esperemos ainda, antes de formular uma opinião, e tenhamos paciência, na esperança de ver realizar-se o acordo entre os “espíritos” e os psicólogos. Porque é preciso também dizer: longe estamos de poder crer, sob palavra, em tudo que essas formas materializadas contam, como o que emana dos outros modos da chamada comunicação entre os mortos e os vivos, pois há casos de animismo no meio.

Quanto mais se estuda, observa, lê ou experimenta, mais lacunas ou contradições se notam, como não poderia deixar de ser, nas diversas manifestações que, na verdade, nos dão por vezes a impressão de algo assim como o inconsciente de Hartmann. Um devoto não hesitaria em

reconhecer aí o “espírito da mentira”. Contudo, é preciso não perder a coragem e no meio dos produtos, que vemos sair do filão dos fatos psíquicos, é possível encontrar bastante minério precioso para que sejamos pagos pelo nosso trabalho e, ousamos dizer, amplamente pagos.

6º – Se eles são o que dizem ser, que devemos concluir?

O que acabamos de dizer no parágrafo precedente poderia dispensar-nos de examinar este ponto, que, contudo, é preciso mencionar, porque naturalmente nos ocorre ao pensamento.

Pois bem: pensamos muito simplesmente que as conseqüências desse fato terão um alcance incalculável, dado o grau de evolução a que chegaram hoje os outros ramos da Ciência, porém não insistiremos mais sobre esse ponto, de que já tratamos em um trabalho precedente.^{iv}

Tais são as questões e as hipóteses que surgem diante do espírito do investigador, quando na presença dos fenômenos que acabamos de estudar.

Acrescentarei apenas uma nota com respeito às materializações. É a seguinte: nas reuniões que têm por fim produzir esse fenômeno, as formas materializadas se mostram muito tímidas a princípio, mesmo com um bom médium. Quando os assistentes se conhecem e entre eles e o médium se estabelece uma confiança mútua, as formas mais facilmente permitem que nos aproximemos e as toquemos. Exemplo: tive numerosas conversas com “Ellan”, que me permitiu apertar-lhe a mão, mas que se dissolveu e desapareceu desde que uma outra pessoa, que apenas conhecia, se aproximou. “Maudy” tinha grande predileção por uma das senhoras que assistiam às nossas experiências e que conhecia pelo menos há 15 anos. É preciso ganhar a sua confiança.^v Esta nota poderá ter a sua utilidade para os que se entregam ao estudo desses fenômenos.

Conclusões

Espero que me perdoem por falar aqui de reminiscências pessoais, mas é que elas se acham ligadas aos fatos de que acabo de falar.

Em 1886, quando publiquei o resultado de minhas investigações sobre certos fatos psíquicos, sabia muito bem o que me esperava, como prova o prefácio que fiz nessa época.^{vi} Todavia, julgava que não seriam precisos 15 anos para a verdade vir à luz. Esquecia-me de que a verdade é eterna e que 15 anos não são sequer um instante para o que dura sempre. A verdade tem tempo para esperar, mas nós, pobres mortais, “efêmeras” materializações que somos, temos por certo algum direito de estar impacientes quando sentimos a vida escapar-se de nós como a água na mão de quem busca segurá-la.

Quando, por ter proclamado um fato, porque julgávamos saber que existia, fecharam-se diante de nós as portas do caminho que nos parecia destinado e até os nossos mestres, colegas e amigos mais prezados deram ouvidos a baixas calúnias e afastaram-se de nós; quando o nosso donquichotismo nos leva ao exílio e nos faz passar estes 15 anos longe da pátria e de quanto ela encerra de caro para nós, temos por certo, repito-o, alguns direitos à impaciência.

Mas, enfim, é chegado o momento em que temos a satisfação de ver a avalanche dos fatos engrossar todos os dias. O que ontem não passava de um foco apenas imperceptível vai irrompendo vigorosamente no campo da Ciência.

Devo fazer aqui uma pausa: acabo de falar em Ciência.

Estamos autorizados a introduzir nela o estudo desses fenômenos? Em outros termos, não deveríamos evitar que a Ciência oficial se misturasse assim com a ciência oculta?

Em resposta a esta objeção que me foi feita, aproveito o ensejo que se me oferece para declarar categoricamente que eu não creio na existência de tudo quanto nela se passa. A Química e a Física foram outrora ciências ocultas. Quem fala hoje de ocultismo em Física ou em Química?

Há somente duas classes de estudiosos da Ciência: de um lado os que buscam levantar a cúpula do edifício antes de estabelecer solidamente os

alicerces e pretendem interpretar a natureza antes de conhecer os elementos de suas leis; do outro lado há os que avançam prudentemente, passo a passo, depois de se terem assegurado da consistência do terreno de que escavam conscientemente o solo para descobrir a rocha sobre a qual deverão assentar os fundamentos do conhecimento. Nós queremos pertencer a estes últimos.

É bem conhecida esta asserção de um pensador: “Se Deus existe, a Ciência o descobrirá.” Não sabemos se cabe à Ciência fazer tal descoberta, mas podemos esperar que, se a consciência do homem sobrevive à morte do corpo, a Psicologia Experimental o demonstrará. Alguns cétricos de ontem, hoje crentes fervorosos, afirmam que ela já o demonstrou.

Seja como for, se esta prova deve um dia ser feita, se nós a queremos completa, brilhante, irrefutável, acumulemos as observações e as experiências, pois que, como escrevia Buffon no século passado, os livros nos quais estão elas recolhidas são os únicos verdadeiramente capazes de aumentar os nossos conhecimentos.

Paul Gibier

-
- i É o que mais tarde se chamou de ectoplasma, do grego *ektos*, por fora, e *plasma*, objeto modelado. (N.T.)
- ii O Dr. Gibier trata de uma hipótese, mas sabe-se bem que um espírito materializado não pode ser uma personificação subconsciente de um médium, pois há casos de um mesmo espírito se manifestar e se materializar por meio de vários médiuns e em diversos lugares afastados. Depois há sempre alguma diferença entre um e outro, inclusive no falar de línguas. Os adversários do Espiritismo só fazem “concessões” quando anulam a sobrevivência do espírito depois da morte do corpo carnal, de que as materializações são a melhor prova. (N.T.)
- iii Para um cientista o é, mas não para um parapsicólogo, graças ao fantástico poder da mente... (N.T.)

-
- iv *Análise das Coisas.*
- v Conhecemos casos em que a forma materializada foi agarrada por um assistente imprudente, resultando uma hemoptise no médium e vários dias de hospital. Daí a prudência com que os espíritos se aproximam dos novos assistentes de uma sessão experimental. (N.T.)
- vi *O Espiritismo (faquirismo ocidental).*